Ano II — Faro, Quarta-feira 17 de Setembro de 1913 — Numero 147

DIRETORES E PROPRIETARIOS
Lyster Franco e
João Pedro de Sousa

ADMINISTRADOR,
João Pedro de Sousa

EDITOR,
Lyster Franco

PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABADOS

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tipografia do Heraldo
RUA 1.º de Dezembro
FARO

ASSINATURAS
25 numeros..... 50 centavos
COMUNICADOS E ANUNCIOS
Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial.

Politica regional

A atitude dos socialistas do Algarve

Em seguida á nomeação do nosso amigo sr. João de Sousa Prazeres para fiscal das cortiças na circunscrição de Faro, espalhou-se nesta cidade que os socialistas, zangados por não verem satisfeita a pretenção que tinham de que para esse logar fosse nomeado um seu protegido, resolveram guerrear o partido democratico, aliando-se nas proximas eleições ao partido unionista.

Claro está que nos causou estranheza este boato, não só porque o pretexto dessa extraordinaria resolução era demasiadamente futil, mas ainda pela razão suprema de que jámais os socialistas poderiam, na conjuntura dum simples capricho, auxiliar a causa do partido a que menos atenções eles devem, unicamente para guerrear este outro partido que os tem auxiliado sobremaneira no programa das suas reivindicações e no preenchimento das suas necessidades.

O boato correu, e o que parece é que sempre teve qualquer fundamento, porque em verdade os socialistas de Faro, até ali amaveis nas suas relações com os democraticos, passaram a maldizer das intenções deste partido e a fomentar a sua discordia.

Para eles, o partido democratico, desde a sua origem propenso a favorecer as classes operarias, deixava de ser um partido genuinamente liberal para, com toda a injustiça, o apodarem de manifestamente reacionario. E alem desta flagrante senrazão com que pretenderam violar a sinceridade e firmeza dos nossos principios, ousaram ainda provocar dissidencias no partido democratico do Algarve, sendo injustos a ponto de proclamarem uma desorganisação violenta das nossas forças.

E tudo isto porque? Porque o protegido dos socialistas para o cargo de fiscal tinha dois ou tres amigos entre os democraticos e esses amigos, não levando a preceito a sua preterição, abandonaram *segundo parece*. as comissões paroquiaes a que pertenciam.

Ha efetivamente no partido democratico meia duzia de discolos, que, em vez duma orientação legitima de principios e factos, mais estimam a força tumultuaria de certos caprichos que em regra não tem justificação possivel e que servem tão somente para ocasionar discordias. Mas esses, quer se mantenham no seu posto, quer vão alistar-se nas fileiras do partido socialista, hão de por si proprios, na serena meditação dos acontecimentos, compreender que foram exaltados de mais e circunspectos de menos.

Os outros, os propriamente socialistas, não só do concelho de Faro mas de todo o Algarve, onde por ventura esistem, — esses, ou não entram em acordos com os partidos republicanos e vão sosinhos á urna, para assim nos mostrarem a força das suas ideias e dos seus principios, ou então, hade a conciencia impor-lhes um dever, e esse dever, que é um testemunho de gratidão; consiste em auxiliar o partido que tanto se tem esforçado pelo bem estar das classes operarias e pobres, quer pela ação generosa e humanitaria das leis de familia, quer pela supressão do imposto que recaia sobre as suas industrias, quer pelos favores que lhes concedeu a lei da contribuição predial, quer especialmente pela conceção dos valiosos direitos que veem expressos na lei dos acidentes do trabalho, esta grande lei para que chamamos a atenção dos socialistas e que só por si devera ser bastante para nos garantir a simpatia das classes operarias, que tão menosprezadas foram nas disposições draconeanas da lei das greves, devida ao chefe do partido unionista, esse partido a que só por desastrada irrisão os socialistas se poderiam aliar, no intuito de fazerem guerra aos seus maiores amigos.

NOTAS E COMENTARIOS

Os «sobas» de Tavira

Do *Mundo* de quinta feira ultima, transcrevemos a seguinte correspondencia de Tavira:

«Teem sido por todo o concelho devidamente comentados os terrores que aos «sobas» cá da Parvonia tem causado na politica local o reapareçimento do sr. dr. Mateus Teixeira de Azevedo, muito digno presidente da Relação de Lisboa. Costumados a suporem-se para todo o sempre senhores da situação, levam a mal que outrem, cheio de prestigio, lhes venha embargar os passos e conquistar o campo. Temem a sua influencia e porque assim é, ha muito que procuram intriga-lo, junto do proprio dr. Afonso Costa, presidente de conselho, fazendo-o passar como velho monarquico refratario ás nossas instituições. Uns infamesinhos, afinal, porquanto, não podendo condenar legitimamente a ação politica desse grande homem, se limitam á baixeza moral de mover calunias em volta do seu nome de bom portuguez e leal republicano. Mas, felizmente, tudo se descobre e já hoje se sabe por onde as toupeiras trepam. O dr. Afonso Costa deu a esses caluniadores tão significativo acolhimento, que logo se dispoz a convidar o dr. Mateus Teixeira de Azevedo para o alto cargo de presidente da Relação de Lisboa, que é, positivamente, um dos logares de maior confiança da Republica. Podem as toupeiras gemer, que não o abocanham. O dr. Mateus Teixera de Azevedo, pela sua honradez inconcussa, pelo seu grande prestigio pessoal e politico, e pelo muito que lhe querem todos os tavirenses, salvo meia duzia de *gatos podres*, que por ahi blasonam o seu republicanismo historico, é e ha de ser, enquanto assim o desejar, o chefe politico predominante no concelho de Tavira. Os unionistas, e muito especialmente os «sobas», que, sem terem competencia para coisa nenhuma, tinham a irrisoria e crassa veleidade de querer dispor de tudo e de todos, não poderão certamente ler ou ouvir ler a sangue frio estas grandes verdades, mas que tenham paciencia. A Cesar o que é de Cesar. E' por isso mesmo que ao dr. Mateus de Azevedo está sempre reservado o primeiro logar, e os seus amigos assim o demonstrarão nas proximas eleições.»

Nem mais nem menos. E' exatamente assim, para honra do nosso amigo sr. dr. Mateus Teixeira de Azevedo e para desdoiro dos taes *sobas* unionistas que muito bem conhecemos e que politicamente não valem a ponta dum cigarro brejeiro.

Escolas de repetição

Ha muito quem, pelo desejo de ferir a Republica, pretenda achincalhar o serviço das escolas de repetição. Outros ha que, por serem obrigados a tal serviço e por serem compelidos a sair do *dulce far niente* em que viviam, procuram, em ares de troça, amesquinhar as escolas, como que para se vingarem das maçadas que tiveram e com o fito de não mais as terem de futuro.

Uns e outros são, a nosso ver, infelizes e sobretudo antipatriotas, pois as escolas de repetição, que teem corrido com regularidade, almejam e conseguem dois fins que são faceis de compreender: a unidade no exército e o fazer-lhe conhecer devidamente a sua grandiosa missão.

Irrequietude

O espirito portuguez é geralmente inquieto e propenso á confusão. Nunca está bem onde está, e por esse motivo não leva a preceito que no paiz exista a paz fomentadora da riqueza que a todos aproveita. Sendo assim, os menos patriotas passam os dias a tagarelar, forjando boatos que servem unicamente para descredito do regimen e sobresalto das creaturas mais receosas e timidas.

O mais singelo boato, desde que seja lançado ao publico, avança com a facilidade das ondulações provocadas pela pedra que cae sobre a agua remançosa. E depois compraz-se cada um á compita em apresentar hipoteses cada vez mais nebulosas e terroristas!

Ora, porque será que os portuguezes se não compenetram dos seus deveres, para que deixe de pairar sobre nós esta ameaça constante de sobresaltos e inquietações?

Vamos! Já é tempo de liquidar de vez este mal estar que não tem bases ou fundamentos em nenhuma razão de ser.

...Não chegam ao ceo

Disseram as gazetas que dentro da tal *caravela* navegavam os nomes dos talassas portuguezes que desejavam ir entrega-la ao seu queridissimo rei, e que, pelo facto de se ter feito a apreensão da dita joia na alfandega de Lisboa, todos esses nomes seriam divulgados, na certeza de que entre eles havia alguns, meio envergonhados é certo, mas fielmente monarquicos, de cidadãos que vivem da Republica e prometeram sob sua honra defende-la!

Tanto bastou para que muitos alfacinhas, alguns dos quaes se diziam heroes da Rotunda, se tornassem lividos, duma brancura que foge para o azulado, circunstancia que deu na vista de toda a gente.

Pois nós sentimos orgulho em haver reparado que para estes logares ninguem perdeu as cores, e ainda bem, para honra desta bela provincia que *certos inconcientes de Tavira* desejam apresentar como iniciadora duma restauração monarquica.

O que vale é que as suas vozes...

Não vás mais longe

O *Distrito da Guarda*, semanario evolucionista, que reapareceu cantando glorias sob a proteção auspiciosa do lunatico Alfredo Pimenta, poz nas suas *Notas* o seguinte anuncio:

«ATENTADOS.—Precisam-se *cidadãos di lá*, que se prestem a *simular* de bandidos para atentarem contra a vida do *Superavit*. Carta, com boas informações, á rua do *Mundo*, e no edificio *deste*, via França Borges.»

Uma de duas: Se o anuncio se fez para a gente lhe encontrar muita pilheria, foi tempo perdido, porque não tem originalidade nenhuma. Basta ter sido feito á imitação dos taes anuncios que circularam no Porto em que se pediam homens de sobrecasaca a fingir de congressistas; se em verdade se desejam alguns cidadãos que *simulem* de bandidos para atentarem contra o *Superavit*, achamos exquisito se queiram *di lá*, quando é certo que mesmo por cá, entre os monarquicos e os proprios evolucionistas, se podem arregimentar ás duzias e ás centenas, mas dos autenticos... dos legitimos!

A fortuna de Bebel

O Socialista subiu á serra por causa de varios jornaes terem dito duras verdades a respeito da fortuna de Bebel, que atingiu a bonita soma de 186 contos.

Faz bem *O Socialista*, mas tenha cuidado porque, se continua a dar a casca tão grosseiramente, morre cedo.

Se Bebel acabasse seus dias muito pobresinho, não faltariam improperios do *Socialista* sobre aqueles que deixam grandes fortunas. Como sucedeu exatamente o contrario, vem *O Socialista* defender o seu grande Babel!

E' um processo de duas loras, adotado frequentemente na igreja, para salvaguarda de todas as poucavergonhas que por lá existem.

O Socialista defende a seu modo o que na verdade não tem defesa. E ha nas suas palavras duas coisas que por gosto vamos registar. Antes de tudo é a linguagem descortez e suja com que pretende impor a sua ideia, ele, *O Socialista*, que ainda no dia 8 censurava um colega da provincia por usar uma frase bem menos despejada.

Tolos, parvos, alimarias, ignorantes, ebrios, insidiosos, pulhas,—eis os qualificativos com que *O Socialista* responde á cortezia dos seus colegas, só pelo facto destes não concordarem com ele!

Em segundo logar registamos esta passagem da sua furiosa esporada:

«Se Bebel agarrasse nessa fortuna e a dividisse pelos deserdados, a situação destes não mudaria, tantos eles são.»

Mas se para haver socialismo é necessario que as fortunas se distribuam, e deixem de existir ricos e pobres, quaes devem ser os primeiros a pôr em pratica essa grande teoria? A não ser que os socialistas queiram guardar a sete chaves o que já possuem, e alimentem a doce esperança de vir ainda a receber alguma coisa do que é dos outros.

O que eles dizem

Sob o titulo—*Um exemplo a seguir*—diz a *Verdade*, o tal papelucho catolico dos padres da Fuzeta, Luz de Tavira e Moncarapacho, estas monstruosas barbaridades:

«Não se compreende que familias catolicas que *comem* religião e monarquia ao almoço, ao jantar e á ceia, se forneçam de casas retintamente republicanas e anti-catolicas, como se não compreende que essas mesmas familias assinem ou comprem diariamente jornaes contrarios ao seu ideal e se valham dos serviços de certos advogados, medicos, etc., tendo outros do seu credo, tão habilitados como eles.»

E ainda ha quem procure defender estas nojentas creaturas em que só existem rancores e hipocrisias!

A palavra dum futuro ministro

Recortamos do nosso presado colega *O Mundo* do dia 11 deste mez, o seguinte pedacinho de oiro, tirado duma correspondencia de Tavira:

«O sr. Silvestre Falcão, ex-ministro de saudosa memoria, todo se paroneia porque o dr. Afonso Costa respondeu ao seu telegrama de suplica e misericordia. Se o homem compreendesse bem a resposta, certamente não falava nela. Quanto ao facto em si, o dr. Afonso Costa foi duma correção bem maior do que a que teve o mesmo sr. Silvestre Falcão para com os seus antigos correligionarios de Santo Estevam, quando sobraçou a pasta de ministro e eles confiadamente lhe pediram um professor, que nunca chegou! Os homens sensatos de Santo Estevam não esquecem este pormenor da sua vida politica e nós abstemo-nos de dizer mais sobre o caso, porque bem sabemos que o sr. Silvestre Falcão perdeu ali a pouca influencia que tinha, a ponto de certamente ninguem mais o acompanhar.

O caso de Santo Estevam é assaz conhecido dos politicos de todo o Algarve.

Santo Estevam, povoação importante do concelho de Tavira, foi o berço dos primeiros e unicos *discursos* do sr. Silvestre Falcão.

Ali despejou as suas ideias republicanas, em comicios familiares a que assistiam invariavelmente dez ou quinze pessoas, arengando sempre as mesmas coisas, no intuito de fazer tirocinio para vôos mais avantajados, que pudesse dar em terras de maior vulto, o que em verdade jamais conseguiu.

Nesses celebres comicios, tudo o sr. Silvestre Falcão prometia ao seu povo, em nome da Republica,—tudo quanto eles quizessem!

Assediados por tantas promessas, os de Santo Estevam queriam apenas... um professor. E o sr. Silvestre Falcão, a modo de quem dispõe de toda a Republica, sorria perante a mesquinhez daquela preteneção.

Um professor?! Mil professores que o seu povo quizesse!

Mandaram os destinos que o sr. Silvestre Falcão fosse um dia ministro. Foi um escarneo da politica, mas enfim o sr. Silvestre Falcão sobraçou a pasta do Inteterior.

Avançaram então para ele os do seu povo, esse povo onde o sr. Silvestre Falcão aprendera a tentar os voos e a dar os primeiros passos. E que fizeram eles?

Pondo de lado as inumeraveis promessas que dias antes lhes fizera e lembrando-se das grandes virtudes com que o sr. Silvestre Falcão pretendera sublimar as novas Instituições, pediram unica e simplesmente... um professor.

E o propagandista da vespera, que já nesse dia, sendo ministro do Interior, dispunha dos serviços da Instrução publica, volveu os olhos para o lado e cuspiu na cara do povo de Santo Estevam a indigna e vil afronta de nem ao menos lhes dar um professor!!!

DEMOLINDO

INFLUENCIA DOS JESUITAS SEGUNDO A HISTORIA DE PORTUGAL

Se considerarmos especificadamente a ação dos jesuitas em Portugal, desde o seu aparecimento até hoje, as paginas da historia são documentos afrontosos, que nunca deverão ser esquecidos. Basta indicar rapidamente os seus atentados contra esta pobre nacionalidade. Portugal, no grandioso seculo XVI, a par da ação das descobertas maritimas, revelara um grau de civilização assombrosa na literatura, pelos poetas escritores quinhentistas, na arquitetura, na pintura, na jurisprudencia, no humanismo e na pedagogia. Nunca em povo algum, em um tão pequeno ciclo se reuniram mais capacidades de ação, de idealização e de fecundidade inteletual; em pouco mais de meio seculo de brilhantismo toda essa energia portugueza se afrouxa, a dignidade civil dissolve-se, e em 1580 perdemos a autonomia nacional, com tanta maior afronta quando recebemos Filipe II com festas nas ruas e nos templos, e os homens mais heroicos, como D. João de Mascarenhas, entregam a patria ao estrangeiro. De onde este fenomeno profundo de degradação?

Em 1537 entrara em Portugal a Inquisição com os terrores dos autos de fé, as denuncias clandestinas e os tenebrosos processos cujo remate era a fogueira, bestialisando o povo, levando-o á idiotia. Em 1542 entra em Portugal a Companhia de Jesus, que se apodera do ensino da mocidade aristocratica e da familia real portugueza. As consequencias foram rapidas, desaparecendo o sentimento nacional, ao mesmo tempo conspirando-se pela encorporação de Portugal na unidade hespanhola. Carlos V manda a Portugal o general Francisco Borgia, (ex-duque de Gandia) para combinar com a rainha D. Catarina o jurar-se principe herdeiro D. Carlos, para o caso do falecimento do recemnascido D. Sebastião. E o que a rainha não se atreveu a fazer com o neto, a Companhia fe-lo audaciosamente apoderando-se do jovem D. Sebastião, fanatizando-o com o ideal absurdo de uma cruzada na Africa, e conduzindo-o a esse descalabro de Alcacer Kibir, que deu em resultado simplificar o campo ás ambições de Filipe II.

Nesta obra de demolição da nacionalidade portugueza, os jesuitas fizeram um jogo duplo com Filipe II, que dizia que se entendia com todos os frades menos com os jesuitas. Os malvados facilmente se combinam; enquanto Filipe II dava em Hespanha a maxima importancia aos Dominicanos, os esploradores da Inquisição, deixando os jesuitas em situação subalterna, estes mostraram-se partidarios do direito dos Braganças ao trono de Portugal. Como habil, Filipe II fez-se chefe da Santa Liga, lutando pela unidade catolica contra o protestantismo, e, dada aos jesuitas a preponderancia, estes imediatamente o coadjuvam na sua ocupação de Portugal, e levam os homens sinceros escrupulosamente isentos a renegarem a patria para engrandecerem e fortificarem Filipe II como o defensor temporal do catolicismo periclitante.

Libertado Portugal e restaurada a sua autonomia nacional pela revolução de 1640, que obedeceu ao impulso da França, que assim servia a sua politica de enfraquecimento da casa de Austria, a Companhia de Jesus apoderou-se da posse de D. João IV e de seu filho, o principe D. Teodosio, tornando-os irreconciliaveis. Poz ao pé do rei esse jesuita imaginoso e habil, o padre Antonio Vieira, que apresentava planos de casamento do principe herdeiro com a filha do rei de Hespanha, indo D. João VI ser rei de Napoles, ou do Brazil, contanto que este cantinho de Portugal se unificasse com a Hespanha. Na *Vida do padre Antonio Vieira*, superiormente escrita por João Francisco Lisboa, veem todos os planos apresentados por aquele jesuita para a entrega de Pernambuco e Bahia aos holandezes, e, se não perdemos então o Brazil, foi porque as colonias portuguezas se libertaram pelo seu proprio esforço, e se Portugal não se encorporou em Hespanha foi porque o monarca hespanhol não quiz aceitar propostas de um duque seu vassalo e rebelde! E sempre perfida a Companhia, vendo os seus planos descobertos, atribuiu-os a inventivas de Vieira e ameaçou-o de o lançar fóra do seu instituto.

A lição fora tremenda, e D. Afonso VI, sustentado pelo conde de Castelo Melhor,

digno precursor de Pombal, poz fora da côrte e da politica os jesuitas; isso bastou para os jesuitas fabricarem esse vergonhoso processo das causas de nulidade do casamento de D. Afonso VI, em que depõem os confessores da rainha se lhes ter queixado da impotencia marital do rei. Conseguem a deposição de D. Afonso pelo irmão, que se lhe apropria do trono e da mulher, absolvendo-o os jesuitas do incesto e do fratricidio, mas ficando os seus omnipotentes conselheiros. A ação da Companhia, sob a direção do padre Carbone no governo de D. João V, identificou-se com a propria realeza; D. João V só fazia festas estrondosas de canonizações de personagens jesuiticas.

O influxo deleterio da Companhia no ensino publico portuguez está superiormente analisado nas Cartas celebres de Luiz Antonio Verney, de 1745, que precederam quatorze anos a ação reformadora do Marquez de Pombal. Portugal era, então, considerado como o paiz mais atrazado da Europa, uma especie de Tunis em Tambuetu. Sebastião José de Carvalho, enquanto esteve nas cortes de Viena e de Londres, conheceu os fios da politica europeia e os tramas jesuiticos. Desde que na questão de limites com a Hespanha, na colonia do Sacramento, apurou que os jesuitas embaraçavam todo o acordo procedeu de um modo decisivo e descobriu que os jesuitas tinham creado um estado seu de Uruguay e que arrebanhavam os indigenas para resistirem contra Portugal. A luta desmascarou-se, e os tiros contra D. José eram contra o ministro, porque souberam que o rei, estando de luto, não sairia do paço.

A iniciativa da expulsão dos jesuitas partiu de Portugal, mas pelo terror das suas doutrinas do regicidio e da rebelião é que foi secundada pelas outras monarquias catolicas. Depois da queda de Pombal os jesuitas chegaram a entrar em Portugal, mas não conseguiram ser reabilitados porque eram profundamente conhecidos. Eles coadjuvaram as ambições de Napoleão, que foi aluno do seu colegio; e Napoleão, restabelecendo o catolicismo em França, assegurou o apoio dos padres catolicos em que dominavam. Quando em 1807 entra em Portugal o exercito francez, o patriarca de Lisboa, D. José de Mendonça, o celebre heroi do *Reino da Estupidez*, publicou uma pastoral, recomendando ao povo que tratasse bem os francezes, e que Napoleão I era um enviado de Deus, para salvar a religião e fazer a nossa ventura.

Neste mesmo sentido proclamou o inquisidor geral D. José Maria de Melo, bispo do Algarve; e o cabido da Sé de Lisboa, sobre a regencia do Principal Castro e o arcebispo de Evora D. Fr. Manuel do Cenaculo! E' assim que a religião serve o sentimento da Patria; como se tratava da supremacia do papa. Portugal que se rojasse ás patas de Napoleão I, porque era não um invasor, mas um enviado de Deus! Nas lutas do constitucionalismo, quando D. Miguel perjurou em 1828, atraiçoando o irmão que lhe confiava o governo e se fez aclamar, pela forma absoluta dos tres Estados, rei de Portugal, vieram logo os jesuitas, que foram em 1831 ocupar o Colegio das Artes de Coimbra, sendo restabelecido por um decreto, e concedendo-se-lhe antigos rendimentos que tinham sido encorporados na Universidade.

D. Pedro IV teve por momentos o desanimo no exito da causa liberal, e na ilusão de que os jesuitas eram um poder, chegou a propor-lhes o reconciliarem-se contanto que eles o auxiliassem na reconquista do trono de sua filha. Em uma carta do padre Delvaux a mr. Picot, conta-se meudamente esta vileza: «Enquanto ele esteve no Porto (D. Pedro VI) um dos seus agentes secretos, que se declarou franco-maçon, prometeu em seu nome todas as especies de concessões e de favores, se se quizessem pronunciar em favor de D. Maria». (*Lettre n.º 64*).

TEOFILO BRAGA.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

«O Novato»

Transcrevemos do *Novato*, nosso presado colega desta cidade, o conto *As cerejas e o berço*, devido á pena do sr. dr. João Pedro de Sousa, nosso diretor.

O caso da estatua

O Socialista censurava ha dias o grande patriota que, para solenisar a restauração das finanças portuguezas, se propoz levar a efeito a modelação duma estatua de prata do dr. Afonso Costa, e censurava-o porque, tendo contos de reis para oferecer uma estatua de prata, talvez não desse uma pequenina parcela desse metal ao primeiro pobre que lhe pedisse pão.

Pois nós achamos que o sr. José Carneiro, apezar de republicano, faz exatamente o mesmo que todos os socialistas.

Herança da monarquia

A Republica, este regimen que, tendo apenas tres anos de vida, já, na opinião de certos puristas, devia ter operado maravilhas, herdou da monarquia a divida assombrosa de 383.086 contos.

E' este o total da divida publica no seu valor efetivo, distribuindo-se pelas seguintes verbas: 150.798 contos de divida interna fundada, que ao juro medio de 5.29 % nos custa 7.935 contos por ano; 138.737 contos de divida externa fundada, que ao juro medio de 4 % prefaz a despeza de 5.565 contos por ano; 62.453 contos de divida flutuante interna, que ao juro medio de 4,4 % produz o juro anual de 2.934 contos; 5.310 contos de divida flutuante externa, que ao juro medio de 5,35 % nos custa 285 contos por ano; 25.788 contos de varios outros encargos, que pagando o juro medio de 4,54 % nos obrigam a uma despeza de 1.167 contos por ano.

Nestes termos, á divida total de 383.086 contos, corresponde o juro anual de 17.886 contos.

E com este negro sudario de dividas, queriam os autores da herança e alguns republicanos despeitados ou inconcientes que o paiz, ao fim de tres anos de Republica, deslizasse num mar de rosas!

Lopo Vaz

O filho do celeberrimo estadista que, tendo sido ministro da monarquia, morreu pobre, deixando nada menos de novecentos contos nos bancos inglezes, acaba de pedir a sua demissão de oficial da armada.

O Dia louvou o seu procedimento. Mas nós só temos que lhe dirigir censuras.

Compreende-se que o sr. Lopo Vaz, num impulso forte das suas arraigadas convicções monarquicas, tivesse pedido a demissão logo depois da proclamação da Republica.

Não o fez, porém, e, com um espirito arranjista que certamente herdou de seu pae, deitou sortes á ventura, a ver se, mediante uma licença que a Republica lhe concedesse, podia arranjar qualquer empregosinho lá por fóra.

Assim aconteceu na Argentina, razão pela qual teve o *grande rasgo* de pedir a sua demissão.

Pois estamos a ver que se nada tivesse conseguido, voltava ao seu paiz, dando vivas á Republica.

As primeiras impressões

O sr. João Henrique, devido á nossa interferencia no assunto que deu origem aos seus *protestos* na «Provincia do Algarve» resolveu suspender seus juizos e suas acusações ao sr. governador civil e ao sr. Antonio Martins Paula.

Fez bem. O que devia era não ter sido injusto a ponto de lhes dar principio.

Como ligeiro aparte da questão, o sr. João Henrique tomou em grande reparo a circunstancia de lhe chamarmos *nosso amigo;* é certo, porém, que aceita e não repudia esta qualidade, nem com justiça o poderia fazer, porque ha razões que o forçam a não ser ingrato para quem até hoje sempre o distinguiu em atenções e serviços. Em seguida, diz ele que *só mentindo* ousaria afirmar que correspondemos á sua amizade. Mas engana-se. Não ha razões especiaes que nos obriguem a ser amigos do sr. João Henrique, mas bastanos a consideração que sempre teve por nós e o respeito com que sempre nos tratou.

Quanto ao mais, a essas curiosas *amabilidades* com que o sr. João Henrique entremeia as suas considerações, é melhor não reagirmos. Dê ele ás suas palavras as reticencias que quizer é amesquinhe os democraticos até onde lhe for possivel, que tudo isto deporá unicamente em desabono de si proprio.

O publico julgará o seu proceder e o alcance das suas injustiças.

Quem tem telhas de vidro...

O Intransigente, feito louvaminheiro do artigo *Virando a pele*, escrito na *Republica*, deita os seguintes foguetes:

«E' uma destas sarabandas em mestre Afonso, que é dumas pessoas se regalar e dizer que nunca as mãos lhe doam. Mas do titulo é que não gostamos... A casaca, sim, a casaca é que ele tem virado e revirado, e continuará virando e reviramdo.»

E é *O Intransigente* que o diz! O que vale é que todos os bons portuguezes conhecem a rigeza politica do dr. Afonso Costa, e, ao mesmo tempo, as ideias e tendencias cosmopolitas do sr. Machado dos Santos que, a modo de quem não quer a coisa, mas fortemente invejoso, parece estar inclinado para onde mais lhe derem.

Como se os tres contos não bastassem!

Operações cirurgicas

Está completamente curado o filho do sr. José Antonio da Cruz, de Olhão, que ha pouco tempo foi operado de dois hidrocelos volumosos. Foi operador o clinico de Faro sr. dr. Candido de Sousa, servindo de cloroformisador o delegado de saude sr. dr. Francisco Honorato de Sausa Vaz.

—Tambem se curou por completo o sr. Salbani, subdito francez, a quem o sr. dr. Candido de Sousa extirpou o saco lacrimal do olho esquerdo, servindo de cloroformisador o sr. dr. João da Silva Nobre.

O mais habil governo é o que mais consulta os interesses do maior numero e que concilia os de todos.

CONTOS E NOVELAS

AS CEREJAS E O BERÇO

Caso passou-se na povoação de Vale de Asnes, uma das quarenta freguezias do meu concelho, e no mez de junho, altura em que principiavam as cerejas a avermelhar.

Tinha ido ali num dia que, por sinal, era um pouco chuvoso e levantara-me cedo. A casa era a do prior da freguezia, o padre João Lopes, hoje abade de Mirandela, meu primo, que, não obstante a sua marca de sacerdote, passava por ser um bom rapaz, e era efetivamente um belo moço, esperto, jovial e conversador.

A essa hora já ele andava a cantarolar na varanda, e a regar esmeradamente as florzinhas dum alegrete, que era de todos os seus cuidados.

Badalaram as sinetas da capela. Ia o prior dizer missa, e fazia-o áquela hora, assim tão cedo, porque era domingo e tinha que dizer outra missa na povoação de Caravelas.

O primo saiu de casa, e eu, que sou completamente refratario ás ceremonias da igreja e dos padres, fiquei na varanda, á espera que ele voltasse.

De todos os lados assomava gente em direção á missa, e dentro de poucos minutos, eram desertas as ruas e a capela regorgitava de crentes.

Apareceu então na rua, por debaixo da varanda, um rapazito de talvez seis anos, robusto e sadio. Esse petiz deixara-o a mãe, que tinha ido á missa, a tomar conta no berço em que ficara deitada uma creancinha de peito. E o berço lá estava, efetivamente, numa varanda arruinada, ali proxima.

O inocente dormia, e o rapaz, solicito na guarda de seu irmão, saira por instantes de junto do berço, e veiu á rua. Mas da porta do quintalejo é que ele não foi capaz de sair!

Entrementes, já estava perto de si outro rapazito da mesma idade, e esse trazia nas mãos quatro cerejas que *arrussavam*.

Era o Manuel. Ao outro não lhe soube o nome.

Quando o primeiro viu as cerejas nas mãos gulosas do Manuel, ficou estupefato, e logo seus olhos atraentes se fixaram nos pequeninos frutos.

—Olha, diz ele. Onde foste buscar as cerejas?

—A's *cerdeiras* do senhor Trigo, respondeu o outro, assaz orgulhoso da sua imensa riqueza.

E então o pobre guardador do berço, consumido pelo desejo de possuir um daqueles inestimaveis tesouros, chegou-se muito amoravel para junto do Manuel e, com toda a sua filosofia de creança, perguntou-lhe:

—Já viste o menino que tenho ali no berço?!

—Quantos meninos eu tenho visto! respondeu o outro, como que ligando pouca importancia áquela tão singular pergunta.

—Mas já guardaste algum?

E nesta altura, o Manuel, todo sentimental e pesaroso, desconhecendo o prazer que a vigia dum berço poderia causar, mas ciumento por causa do seu interlocutor já ter experimentado essa bela impressão, respondeu:

—Ainda não.

E entretanto, as cerejas só já eram tres.

—Se me dás essas *coisas*, deixo-te ser.

—Deixas-me guardar o teu menino?

—Deixo, sim, e até te deixo embanar o berço.

E o Manuel comia outra cereja.

—Se te der estas duas crejas? Não quero.

E não obstante o grande desejo que tinha de guardar o berço, meteu á boca a terceira.

Só lhe restava uma!

—Se queres... dizia o pobre moço, fixando cupidamente os seus olhinhos negros sobre a ultima cereja.

—Não! Só já tenho esta... que é muito linda. Dou-te metade. Queres?

—Pois deixa ver.

Então, o Manuel partiu com os dentes o pequenino fruto, deu metade ao companheiro, e lá foram os dois, escadas acima, até á varanda, no intuito de ficarem a guardar a creancita, enquanto o povo não saia da capela.

Sentaram-se junto ao berço, um de cada lado, cada qual mais solicito em acariciar o inocente e embanar o berço, e ambos cheios de certo orgulho, julgando-se senhores do mais apreciavel dominio.

Tocava a sineta da capela. Tinha acabado a missa e o povo saia. Pouco depois, entrava uma linda mulher no quintalejo da casa fronteira á do prior, que era a tal casa onde essa propria mulher deixara o moçosinho guardando o irmão.

Ao entrar na varanda, suspirou de alivio, sentindo-se feliz por ser mãe junto daquele bonito quadro de tanta inocencia e tanto amor. Sorriu por ver que *Nossa Senhora*, a quem durante a missa tinha recomendado o futuro de seus filhinhos, e em cujo semblante adivinhara a proteção divina, ouvira a sua prece de mãe.

E abeirando-se do berço, recuou espavorida, arremessada por um estremecimento de dor.

Era o filhinho que estava morto.

A pobre creança morrera asfixiada pela ação da roupa em que a envolveram os pequeninos guardadores, que ainda nessa altura, assaz orgulhosos do seu mester, embanavam o berço.

E o berço, que era então a camasinha dum morto, balouçava-se entre os sorrisos das creanças e os gritos e lagrimas da pobre mãe.

Faro. JOÃO PEDRO DE SOUSA.

Cartas da serra

CHUVA E TROVÕES—UM REBOLIÇO DE MIL DEMONIOS LÁ NO CEU—A ARTILHARIA DO FIRMAMENTO—OS BARRANCOS, OS DESPENHADEIROS E AS GARGANTAS TRANSFORMADOS EM NIAGÁRAS MINUSCULOS—AS ACACIAS E OS PÊTOS E A SUA FOLHAGEM RENDILHADA—UMA CATARATA AO PÉ DE CASA—AS DIFERENÇAS DE NIVEL E OS SALTOS DA AGUA—O CASARÃO DO «BANHO»—UM POUCO DE HISTORIA—CURIOSOS ARTIGOS DO SEU REGULAMENTO MALTUZIANO DE 1850—DISPOSIÇÕES IRRITANTES CONTRA A PROPAGAÇÃO DA ESPECIE—OS ENFERMEIROS NA BERLINDA—PRESENTES, OFERTAS E GORGETAS—CANTARES E GUITARRADAS—AS JANELAS DAS DULCINEAS DE OUTR'ÔRA E A VENERAVEL IRMANDADE DAS CARCASSAS DE HOJE—EM PLENO ROMANTISMO—JANELAS ESCALADAS, «QUINZENAS» E SAIAS DE BALÃO—COMO SE CHEGAVA ANTIGAMENTE ÁS CALDAS—A' CHEGADA E Á PARTIDA—ANTIGA INFLUENCIA DOS CEIRÕES E DOS ALFORGES NA CURA DE AGUAS DOS NOSSOS AVÓS—A JANELA DA SAUDADE — VERSOS DE PÉ QUEBRADO E QUADRAS ASSUCARADAS—ETC, ETC, ETC.

Tem chovido a valer. Chovido e trovejado!

Vae um reboliço de mil demonios lá pelo céo e ha trez ou quatro dias que a horas várias, a artilharia do firmamento acorda os ecos das montanhas com o seu espetaculoso ribombar.

Tem chovido bem, o que equivale a dizer que por todos estes barrancos, por todos estes despenhadeiros e gargantas ha torrentes que tombam em minusculos Niagáras, num gorgolejar ensurdecedor, rapido e vertiginoso, sob a folhagem rendilhada e fina dos fêtos e das acacias.

Aqui, quasi ao pé da porta da minha casa, ha, em dias de chuva, uma dessas mais grandiosas cataratas.

A agua da chuva, escorrendo pelas corcovas e lombas dum dos serros mais elevados da maia, junta-se num turbulento riacho, passa por debaixo da estrada, deslisa na rampa sobre a qual assentam os alicerces da cisterna da casa do Guerreiro e, galgando uma diferença de nivel, num salto de dois metros, corre por entre pedras, atravessa os caboucos dum predio em construção, corta a estrada do Ramal e lá vae juntar as suas aguas turvas á corrente estrondeante da ribeira, junto do casarão do *Banho*, aquele mesmo casarão outr'ôra tão animado quando, na vigencia do curioso regulamento de 1850, toda a gente, homens e mulheres, tratavam de sofismar o melhor possivel aquelas disposições draconianas.

Não resisto á tentação de transcrever do belo estudo destas Caldas pelo dr. Bentes Castel-Branco os curiosos artigos que visavam a regulamentar os antigos usos no tocante ao silencio.

Rezam assim:

«Art.º—A' 1 hora da tarde será fechada a porta que divide o corredor dos homens do das mulheres e bem assim as outras portas que derem servidão ao edificio, precedendo dois toques de sineta, para este uso destinada, com o intervalo dum quarto de hora.

Desta hora até ás tres horas da tarde, em que se devem abrir as portas, haverá silencio em todo o edificio, sem que a ninguem seja permitido altera-lo.

§ 1.º—Das 10 horas da noite em deante não será permitido o toque de instrumentos ou outro qualquer ruido que perturbe o silencio e seja contrario ao descanso dos enfermos.

§ 2.º—A estas horas, ou quando muito ás 11 horas (e isto unicamente por concessão extraordinaria do provedor) serão fechadas as portas e não se permitirá a saida a pessoa alguma, salvo motivo urgentissimo, a juizo do provedor.

§ 3.º—Durante o dia, até ás horas designadas, tanto na sésta como na noite, poderão livremente tratar-se as pessoas de ambos os sexos que lhes convier; porém, depois das ditas horas, não será permitido permanecerem juntas.

Art.º—Recomenda-se muito positiva e particularmente ao provedor o exáto cumprimento deste artigo, acabando por uma vez com os abusos que em contravenção dele se teem intruduzido.

«Art.º—Nas horas aqui designadas de silencio (que são da 1 ás 3 da tarde e das 10 ou 11 horas da noite ao nascer do sol) não será permitido motim ou bulha alguma que altere o silencio, e mesmo nas outras horas, quando a saude de algum enfermo assim o exija.»

Os maridos eram separados das mulheres, as mães dos filhos, os irmãos das irmãs...

A's horas indicadas, a enfermeira, arrostando com todos os odios e malquerenças, vinha separar as familias e interromper, muitas vezes as reuniões, no melhor da festa.

A estas disposições verdadeiramente multuzianas correspondiam os banhistas com mil e uma partidas tendentes a infringir o cruel regulamento.

Havia então tentadoras ofertas aos enfermeiros, belos presentes, chorudas gratificações para que fizessem vista grossa e esquecessem o rigor preceituado naquelas paginas dum codigo digno de Licurgo!

Depois, se o provedor estava auzente, uma vez conquistada a indulgencia dos empregados, tinhamos guitarradas até deshoras e cantares repenicados de ternura, sob as janelas das *Dulcineas* desses bons tempos, a maioria das quaes pertence hoje á veneravel irmandade das carcassas, ou mergulhou no insondavel abismo da morte.

Réza a historia que mais dum casamento ditoso se engendrou ali, na casa do Banho, com todos os requintes do mais puro *mise-en-scéne* romantico e que mais duma janela do *Corredor das mulheres* foi escalada pelos enamorados *D. Juans* desses tempos remotos em que floresciam as *quinzenas* e as *saias de balão* e as estevas e sobreiras chegavam até á porta do estabelecimento.

Nessa epoca longinqua os banhistas chegavam em verdadeiras caravanas, com grande acompanhamento de cavalgaduras transportando todo um *ménage* nos ceirões e alforges.

Os caminhos eram intransitaveis e por isso, nesses belos tempos dum pitoresco certamente irreproduzivel, a chegada de cada familia a estas paragens constituia um verdadeiro acontecimento sensacional.

Todos lhes pediam noticias, todos exigiam novidades e, á saida de cada aquista, toda a colonia, desenfranhando-se em ternuras, ia despedir-se á janela do tôpo do corredor de baixo que, em consequencia de taes estremos afétivos, foi denominada *janela da saudade*.

Esta janela é a ultima que deixa de avistar quem se retira deste ermo e segue estrada fóra, caminho de Vila Nova. Olha para o barranco ao fundo do qual corre a ribeira; avista-se dali um belo trecho do *Paraizo*. Por dentro, ha versos de pé quebrado e quadras assucaradas maculando a brancura das paredes e tudo aquilo cheira a hospicio, a hospital, á penuria bafienta da gente pouco limpa, de forma que o melhor, o mais substancioso da tal janela é, sem duvida, o seu belo titulo romantico, titulo digno dos amôres de Romeu e Julieta: *janela da saudade*.

Lisandro.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a retirar muitos artigos já compostos para este numero.

Noticias de instrução

Resultado dos trabalhos escolares do anno letivo de 1912-1913 na escola oficial do sexo feminino de Vila Nova de Portimão, proficientemente dirigida pela distinta professora sr.ª D. Maria da Apresentação Negrão:

Frequencia da escola 234 alunas; passagens de classe: da 1.ª para a 2.ª 30 alunas; da 2.ª para a 3.ª 46; da 3.ª para a 4.ª 32; total 108.

Exames do 1.º grau: Antonia do Rosario Batista, Eugenia Guerreiro Prospero, Francisca de Jesus Viegas Ventura, Henriqueta Gloria de Oliveira, Henriqueta Leontina da Costa Vieira, Hermenegilda Gloria de Oliveira, Maria Angela do Nascimento Costa, Mariana da Conceição Lemos, Maria das Dores Cardoso, Maria de Jesus Gonçalves, Maria José Caracol, Maria da Piedade Correia, Maria da Graça Baric do Vale, Maria Lucinda Baric Trindade, Sofia Martins Guerreiro, Rosa da Conceição, Sebastiana Pargana, Virginia Maria, Zulmira Vieira—aprovadas com a classificação de *ótimo*.

Alice do Carmo, Augusta do Nascimento, Capitolina da Encarnação Pereira, Carolina Augusta Reis, Eulália dos Anjos Coutinho, Manuela Branco, Maria da Gloria Vasco, Maria Rufina Pignatelli de Almeida, Otelinda da Conceição, Tereza da Conceição Albino e Tereza Maria, aprovadas com a classificação de bom.

Total 32, sendo 19 ótimos e 13 bons.

Exames de 2.º grau: Amelia Vieira Serrão, Barbara da Cruz Serpa, Ema de Sousa Hilario, Inez de Sousa, Madalena do Carmo, Maria Emidio Mateus e Maria do Rosario Ceandro, aprovadas com a classificação de *ótimo*.

Paulina Mascarenhas, Irene da Gloria, Maria Barbara dos Reis, Maria Leonor Mendonça, Izabel da Conceição Silva, Judith Amado, Alice de Assunção, Lucinda Cortez, Paulina Maria Vicente, Maria das Dores Brito, Rosalina da Conceição e Tereza Carolina Vicente, aprovadas.

Total: 19. Não houve nenhuma reprovação.

Este resultado que é deveras lisongeiro, atesta mais uma vez a comprovada competencia profissional da distinta professora D. Maria da Apresentação Negrão e do grupo de professoras da sua escola.

FABRICA PROGRESSO FARENSE DE LADRILHOS MOSAICOS

OS MAIS RESISTENTES, ECONOMICOS E EMBELEZADORES

FABRICO ESPECIAL EM DESENHOS E FEITIOS MODERNOS

Deposito de cimentos nacionaes e estrangeiros—Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

F. J. PINTO JUNIOR E COMP.ª — FARO

Ninguem mande vir de fóra nem compre noutras casas, sem primeiro visitar esta fabrica

POR ESSE ALGARVE

Estoi

Correm por aqui duas versões a respeito dos crimes de que foi teatro o visinho logar do Monte do Trigo, mas aquela que tem maior credito e vulgarisação é a de que o Joaquim Dias, que ha muito era frequentador da casa do Madeira, foi vitimado duma traição que lhe prepararam.

Não ha testemunhas presenciaes do conflito, mas todas as circunstancias levam a crer que o assassino fez o que fez, arrastado pela dura necessidade de se defender de violentas agressões.

O Joaquim Dias, que só em caso extremo, seria capaz de cometer qualquer ato menos digno da sua honestidade e boa reputação, ainda está no hospital de Faro, onde 55 golpes na cabeça lhe foram cosidos com sessenta pontos naturaes, achando-se em estado grave, tanto mais que, segundo consta, foi ha dias acometido dum ataque de loucura.

A Maria José, que levou um tiro no ventre, já está melhor.

Dizem-nos que a namorada do Joaquim Dias passou hontem nesta aldeia, em direcção a Faro, onde esteve no hospital.

Nota da redação.—O Joaquim Dias, cujas feridas levaram apenas 42 pontos naturaes, e não 60, como diz o nosso correspondente, nem 21, como diz o *Algarve*, dá hoje alta do hospital, recolhendo á cadeia, não sendo portanto grave o seu estado, como se supõe

Tambem a Maria José não está ainda isenta de perigo, em virtude de ter ultimamente sofrido uma infecção. E' no entanto presumivel que se salvará de morrer, devido aos insistentes cuidados dos medicos.

S. Braz de Alportel

Corre por esta aldeia, com muita insistencia, que desta vez é que o sr. João Rosa Beatriz vae prestar as contas da Junta de Paroquia.

Pois já não é sem tempo e custa a crer que haja um homem que, querendo passar por ter um *nome honrado e um altissimo carater*, não venha a publico apresentar um relatorio da administração da Junta, para dar uma lição de mestre áqueles que teem a firme certeza de que taes coutas ou nunca aparecem ou vão ser um tremendissimo fiasco.

Consta que o sr. João Rosa Beatriz foi ao estranjeiro no intuito de conferenciar com os melhores guardalivros, para que estes lhe descubram um meio de reduzir a escrito o *deve* e *haver* da Junta de Paroquia, muito especialmente o que diz respeito ao Paço episcopal, que, valha a verdade, tem sido um grande Brazil para o sr. João Rosa Beatriz.

Os *Ecos do Sul* já deitaram espiche sobre a questão das contas, e depois de chamarem nomes lindos ao *Heraldo*, dizem que a Junta vae erguer o seu mais altivo protesto contra as suas insinuações!!!

Esta ideia do *altivo protesto* é da gente lhe tirar o chapeu e rir a bom rir! Mas que diabo terá que dizer a Junta de Paroquia?! Pois o seu melhor protesto não o tem ela na apresentação das contas? Porque não traz as contas á luz do dia?

Ai, puristas, puristas! Sois todos muito honrados, tendes todos um altissimo carater, mas o que é certo é que o meu dinheiro me falta.

E além do *altivo protesto*, que até fará tremer as rochas, ainda nos consta que os amigos do sr. João Rosa Beatriz lhe preparam uma estrondosa manifestação de regosijo para o dia em que ele regressar do estranjeiro.

Deve ser na verdade uma estrondosa manifestação, que meterá seis filarmonicas, oitenta e nove duzias de foguetes, cem morteiros e tres jantares, não metendo em linha de conta a grandiosa parada do batalhão de voluntarios!

O peor é se todos estes entusiasmos e festejos morrem na casca, e o sr. João Rosa Beatriz, entra em S. Braz, como de costume, com o chapeu desabado sobre a testa, com os olhos fitos no chão, á laia de quem procura o meio de forjar umas contas com que se intrujem os parceiros.

O NOSSO NOTICIARIO

Vindo de Lisboa, com destino a Vila Real de Santo Antonio, esteve nesta cidade o sr. Harold Mascarenhas, agente das motocicletes inglezas de marca *Singer*, fazendo a sua viagem numa excelente maquina, sem ter sofrido a mais ligeira *pane*.

Sobre esta motocicleta, num carrinho assaz curioso e adaptado para este fim, acompanhava-o o seu amigo sr. Guy Barley.

= Deu-nos hontem o prazer da sua visita o nosso dedicado correligionario e amigo sr. João Viegas Calçada, de S. Braz de Alportel.

= Está em Moncorvo o sr. José Joaquim Borralho, nosso presado assinante de Santa Barbara de Nexe.

= Partiu ante-hontem para os exercicios de repetição, o 3.º batalhão de infantaria 33.

Na vespera da saida, quizeram os srs. oficiaes dar um testemunho frisante da sua confraternisação, para cujo efeito se reuniram no *Café Esmeralda*, onde jantaram, trocando-se impressões afetuosas.

= Regressou de Monchique a esta cidade o nosso amigo sr. José Joaquim Peres, digno escrivão de direito.

= Diz-se que o sr. ministro do fomento vae crear nesta provincia uma estação de pomologia, para a produção, preparo e seca de frutas.

= Vimos ante-hontem em Faro o nosso amigo sr. João Martins Ramos, digno gerente da Farmacia do Compromisso Maritimo da Fuzeta.

= Acompanhado de suas filhas, regressou do Luso o nosso amigo sr. Abraham Amram. Tambem o acompanhava seu filho sr. Joshua Amram, que ha dias chegou de Londres.

= Deu-nos o prazer da sua visita o nosso correligionario e amigo sr. José de Brito Mascarenhas, de Guelhim, Estoi.

= Foi transferido para o regimento de infantaria 33, o tenente de infantaria 4 sr. Joaquim dos Santos Correia.

= Tomou posse do cargo de administrador do concelho de Lagos o sr. Gregorio Avelino de Azevedo, a qual lhe foi dada pelo sr. Vitor da Costa e Silva, presidente da Camara.

= Já entrou no exercicio das suas funções de fiscal das cortiças o nosso amigo sr. João de Sousa Prazeres, velho republicano de Faro.

= Ha hoje uma bela sessão de animatografo no *Teatro Circo* desta cidade.

= Acompanhado de sua esposa e de seu filhinho, foi passar uns dias a Lisboa o sr. Luiz Carvalho Galvão, chefe dos serviços telegrafo-postaes de Olhão.

UMA CARTA

Temos em nosso poder uma carta do sr. padre Antonio Maria Barros Santos, que não publicamos hoje, conforme nosso desejo, em virtude de se ter empastelado a composição que já estava feita.

Publicá-la-emos no sabado.

DIA HISTORICO

Setembro

17—1480—Xisto IV estabelece a Inquisição.—1552—Os portuguezes, atacados em Ormuz, repelem rigorosamente os inimigos.—1666—Morte de Filipe IV de Hespanha.—1743—Nasce o filosofo francez Condorcet.—1759—Embarque dos Jesuitas no brigue S. Nicolau.—1848—Revolução em Francfort.—1870—Victor Hugo chega a Paris de regresso do exilio.—1910—Decreto amnistiando todos os delitos de imprensa.

18—993—Morte de Pelagio.—1648—Revolução de Cadiz.—1706—Tomada de Salamanca.—1742—Morte de Messillou.—1755—Rendição dos paraguanos no exercito Brazileiro.—1835—Morte de Belini.—1850—Nasce em Freixo de Espada á Cinta o poeta Guerra Junqueiro.—1900—E' fuzilado em Fez o rogui de Marrocos.—1910—E' preso o revolucionario João Borges, como fabricante de bombas explosivas.

19—1356—Batalha de Poitiers.—1551—Nascimento do Henrique III de França.—1761—São declarados livres todos os escravos que entraram em Portugal.—1792—Batalha de Valmy.—Extinção da Ordem de Malta em Portugal.—1834—D. Maria II assume o governo de Portugal.—1910—O grande descarrilamento na linha da Povoa, em que ficaram feridas dezenas de pessoas.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 18—D. Antonia Isabel da Silva Condo, D. Maria das Dores Borges, D. Mariana do Carmo Reis, D. Leonor Augusta Fernandes, D. Maria Emilia Almeirim, José de Sousa Gordo, Joaquim Antonio Sanches, Manuel Cristovam Bolinas, João Manuel Ferreira Lopes, Antonio dos Santos Prazeres e Alfredo Luiz de Brito.

Sexta, 19—D. Apolonia Dias da Silva, D. Maria do Carmo Marques, D. Elvira Amilcar de Campos, D. Antonia Adelina Santos, José Vieira dos Santos, general Antonio Pedro de Brito Vila Lobos, Antonio do Carmo Teixeira, José Anastacio Esteves, Augusto Maria Ferreira, Anicelo Batista Lopes e Candido de Oliveira Parreira.

Sabado, 20—D. Sol Ruah, D. Judit Viegas da Silva, D. Maria do Carmo Graça, D. Emilia Apolinario de Castro, D. Augusta Teodoro Martins, José de Abreu Macedo Ortigão, José Joaquim Vieira, João da Costa Almeida, Jaime Augusto Pereira, Mariane de Oliveira Bolinas e a menina Maria José Ramos Bandeira.

Casamentos:

Pelo sr. José Vinhas Reis, de Olhão, foi pedida em casamento a sr.ª D. Hercilia Morgado, gentil filha do extinto proprietario sr. João Martins Morgado.

Necrologia:

Vitimada por uma forte hemorragia cerebral, faleceu hontem nesta cidade a espesa do sr. general Sande e Lemos.

Os nossos cordeaes sentimentos.

ELIAS D'A. SABATH

—COM—

Estabelecimento de drogas, ferragens, tintas, vidraça e outros artigos a PREÇOS EXTREMAMENTE CONVIDATIVOS como o proprio freguez poderá verificar.

Ninguem compre sem primeiro visitar este estabelecimento.

RUA D. FRANCISCO GOMES, 18 a 22

PORTAS ENCARNADAS

AVISO

Administração Geral dos Correios e Telegrafos

Fiscalisação de Instalações eletricas

Previnem-se, por este meio, os concessionarios, proprietarios ou exploradores de instalações eletricas de qualquer natureza que ainda não possuam o respetivo titulo de licença para o seu estabelecimento ou para a sua exploração, de que deverão legalisar a existencia dessas instalações até ao dia 30 de setembro corrente, apresentando na 1.ª Divisão da Direção dos Serviços Tecnicos desta Administração Geral o projeto competente, instruido com os documentos exigidos pelo art.º 31.º ou 35.º do Regulamento das concessões de licenças para o estabelecimento e exploração de instalações eletricas, publicado no *Diario do Governo* n.º 290 de 11 de dezembro de 1912. Findo esse praso, ficarão sujeitos ás penas do art.º 96.º do mesmo Regulamento, (multa de 10$000 a 50$000).

Lisboa, 8 de setembro de 1913.

Pelo Administrador Geral,

Pedro Barata.

Administração Geral dos Correios e Telegrafos

1.ª DIREÇÃO

Escola de Correios e Telegrafos

Faz-se publico, nos termos do regulamento da Escola de Correios e Telégrafos, aprovado por decreto de 13 de janeiro de 1912, que até 25 do corrente mês se recebem requerimentos dos individuos que pretendam matricular-se nos cursos professados na mesma escola, a saber:

1.º Curso do 1.º grau, destinado a habilitar para os lugares de encarregados e telefonistas.

2.º Curso do 2.º grau, destinado a habilitar para os lugares do aspirantado.

Ao curso do 1.º grau serão admitidos dez individuos, que provem por documentos, satisfazer ás seguintes condições:

1.º Ser português.

2.º Não ter menos de dezassete anos de idade, nem mais de vinte e cinco.

3.º Ter exame de instrução primaria do 2.º grau e de francês.

4.º Possuir a necessaria robustez para o serviço, e não padecer de molestia contagiosa.

5.º Ter bom comportamento.

Os requerentes, quando sejam de menor idade, deverão tambem apresentar licença do pai ou tutor para frequentarem a escola, convindo que juntem ainda, quando possam fazê-lo, quaisquer outros documentos de habilitações literarias que possuam, a fim de serem preferidos para admissão, se porventura os candidatos excederem os numeros estabelecidos, quer para o 1.º, quer para o 2.º grau.

Em igualdade, porém, de circunstancias, terão primazia na admissão:

1.º Os filhos de funcionarios de correios e telegrafos.

2.º Os que tiverem idade mais avançada.

Ao curso do 2.º grau serão admitidos vinte individuos do sexo masculino que, alem de satisfazerem ás condições dos n.os 1.º, 4.º e 5.º exigidas aos do 1.º grau, não tenham menos de dezassete anos nem mais de vinte e um, estejam habilitados com a carta do 5.º ano dos liceus com exame de inglês, ou com o curso da Escola Rodrigues Sampaio e exame de inglês.

Alem das trinta admissões autorizadas, serão admitidos mais seis alunos da Casa Pia de Lisboa, habilitados com o curso preparatorio aprovado por decreto de 2 de novembro de 1912 e que satisfaçam ás condições dos n.os 1.º, 2.º, 4.º, 5.º e 6.º do artigo 8.º do respetivo regulamento.

Os alunos que obtiveram aprovação no 1.º ano do curso do 2.º grau tambem devem requerer, dentro do referido praso, matricula no 2.º ano, bem como os que tenham de repetir qualquer disciplina.

Administração Geral dos Correios e Telegrafos, em 6 de setembro de 1913.—O Diretor da Escola, interino, *Francisco A. Moraes.*

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 106

—FARO—

Construção de poços Artezianos—Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

FARMACIA HIGIENE DE FARO

Diretor tecnico—JOSÉ GONÇALVES BANDEIRA

RUA IVENS 22—RUA TENENTE VALADIM 17

ESPECIALIDADES RECOMENDAVEIS

(Exigir sempre o nome do preparador JOSÉ G. BANDEIRA)

CONTRECZEMA

Empregado com sucesso em:

ECZEMAS-PSORIASIS

HERPES-DERMATOSES

POMADA RESOLUTIVA

Doenças em que o seu uso dá optimos resultados:

Flegmasia alba dolens, linfagite, furunculose, reumatismo, entorses etc., etc.

Portanto em todas as doenças inflamatorias e dolorosas deve sempre empregar-se

Esta farmacia acha-se tambem habilitada a fornecer de pronto qualquer medicamento; preparado ou penso assetisado, para o que se encontra fornecido com todos os aparelhos modernos necessarios para as manipulações de assepsia.

HORARIO DOS COMBOIOS

LISBOA	PORTIMÃO	TUNES	LOULÉ	FARO	Sentido da marcha	FARO	OLHÃO	TAVIRA	VILA REAL	Natureza do comboio
20.40	7.15	6.10	6.50	7.14	Des.te	7.24	7.40	8.20	9	Correio
17.5	10.25	9.18	8.25	8.5	Asc.te	7.55	7.42	7.8	6.30	Rápido
17 5	8	—	—	—	»	—	—	—	—	»
—	6.20	7.56	9	9.44	Des.te	9.55	10.22	11.19	12.25	Tr.
—	—	—	—	—	Asc.te	10.45	10.20	9 22	8.10	»
—	—	—	—	—	Des.te	12.10	12.31	—	—	»
—	—	—	—	—	Asc.te	13.21	13	—	—	»
—	19.20	17.41	16.45	16	»	—	—	—	—	»
—	—	—	—	—	Des.te	16.15	16.44	17.42	18.50	»
—	—	—	—	—	Asc.te	17.6	16.41	15.40	14.30	»
6.40	21.15	20.15	19.11	18.45	»	18.37	18.24	17.47	17	Correio
6.40	18.30	—	—		»	—	—	—	—	»
9.10	16.20	17.50	18.24	18.44	Des.te	18.55	19.10	19.44	20.20	Rápido
9.10	19.20	—	—	—	»	—	—	—	—	»
—	18.30	20	21.3	21 35	»	22.5	22.29	23.34	0.30	Misto
—	—	—	—	—	Asc.te	23 35	23.22	22.30	21.30	»

ANEMICOS--DEBILITADOS

tomae a

AGUA DE CASAES

Pesae-vos antes e trinta dias depois de a tomar e no vosso aumento de peso vereis o seu grande valor reconstituinte

EMPREZA DAS AGUAS DE CASAES

Rua d'Assunção, 57, 2.°

—LISBOA—

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de artigos de Farmacia, Drogaria e Fotografia, das mais acreditadas casas estrangeiras — Grande deposito de especialidades nacionais e estrangeiras, objectos de borracha, cautchouc, fundas, irrigadores, canulas e pulverisadores

FABRICO ESCRUPULOSO DE EXTRATOS FLUIDOS

Fornecimento para Farmacias, Hospitaes e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

A GUAS DE VIDAGO:—(Vidago, Vidago n.° 2 e Sabroso)

DA CURIA E DE VERIM (Espido)—EXTRATO HEROICO

PREÇOS MODICOS

(Extrato fluido de origem vegetal)

Preparado pelo farmaceutico **Antonio Cardita**

O extrato heroico não é toxico e tem uma notavel ação hemostatica, sendo simultaneamente, um poderoso anti-anorexico e tonico geral. E', por isso aconselhada não só aos tuberculosos, como aos anemicos, neurastenicos aos que sofrem da falta de apetite e aos debilitados por enfermidades prolongadas.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dá os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despeza esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1060 réis.

Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da reducção da despeza resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE **ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA**

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.° 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os colegios e liceus

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras cientificas. Recebem-se diariamente todos as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

GRANDE SORTIMENTO EM BILHETES POSTAES

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras.—Descontos aos revendedores e estudantes.—Encadernações a preços resumidos.

Agente das principaes casas de Lisboa. Não comprem nem vendam livros novos ou usados sem primeiro visitarem a Livraria das novidades—FARO.

Recebem-se pedidos acompanhados da respetiva importancia.

ENSINO TEORICO E PRATICO

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Quimica Elementar (7.ª Edição). Um volume de 400 paginas no formato 22×15cm com 122 gravuras. (PREÇO—1$500 réis

[illegible]

Lições de Fisica do curso geral dos liceus e escolas normais (11.ª Edição). Um volume de 396 paginas no formato 22×15cm com 400 gravuras. PREÇO—1$200 réis.

[illegible]

Tratado de Fisica Elementar (8.ª Edição). Um volume de IV 764 paginas no formato 22×15cm com 752 gravuras PREÇO—1$800

[illegible]

LISBOA *Livraria Ferin*, Rua Nova do Almada, 70.—PORTO *Livraria Chardron*, Rua dos Carmelitas, 144 — COIMBRA *Livraria França Amado*, Rua Ferreira Borges, 115.

TABELA DA EMPREZA FUNERARIA FARENSE

DE

FRANCISCO VICENTE FERNANDES

SUCESSOR DE FERNANDES & FERNANDES

FARO

Previne o publico que se encontra habilitada e em melhores condições do que a firma antecedente a servir todas as familias enlutadas que se queiram dirigir a esta agencia ou representantes, como em Olhão, Antonio dos Santos; em Santa Barbara de Nexe, Antonio Murta; em Estoi, Cristovão de Sousa Barros; em Loulé, José Martins; em S. Braz de Alportel, Domingos Dias Neto; em Tavira, Domingos José Soares; em Vila Real de Santo Antonio, Francisco Néné; em Silves, Vicente do Carmo; e em Albufeira, Antonio Marrachinho.

FUNERAES COMPLETOS	LOCALIDADES E PREÇOS	
N.° 1—Urna de mogno, caixão de chumbo, carro funerario de 1.ª, berlinda funeraria, eça de 1.ª na egreja (só em Faro) pano de cruz de 1.ª, cera, homens precisos para o funeral, despacho do enterro, borlas para convidados, etc.	FARO	98$000 réis.
	OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI	100$000 réis.
	LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA	108$000 reis.
	ALBUFEIRA	112$000 reis
	TAVIRA	118$000 reis.
	SILVES e VILA REAL	130$000 réis.
N.° 2—Nas mesmas condições, substituido a urna por caixão de veludo dourado.	FARO	70$000 réis.
	OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI	75$000 réis.
	LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA	80$000 réis
	ALBUFEIRA	84$000 réis
	TAVIRA	90$000 réis.
	SILVES e VILA REAL	110$000 réis.
N.° 3—Nas mesmas condições, sem caixão de chumbo.	FARO	40$000 réis.
	OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI	45$000 réis.
	LOULÉ S. BRAZ e FUZETA	50$000 réis.
	ALBUFEIRA	54$000 reis.
	TAVIRA	60$000 réis
	SILVES e VILA REAL	70$000 réis.
N.° 4—Caixão de veludo liso, berlinda para tudo do funeral nas mesmas condições sem eça.	FARO	18$000 réis
	OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI	23$000 reis
	LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA	26$000 réis
	TAVIRA	36$000 réis
N.° 5—Carro funerario á mão, caixão de paninho gaufré, pano de cruz de 2.ª, sem eça na egreja	FARO	12$000 réis.
N.° 6—Carro pobre, caixão liso, homens, etc. (só em precarias circunstancias.)	FARO	5$800 réis.
N.° 7—Carro pobre, caixão liso, pintado por dentro, homens, etc.	FARO	4$900 réis.

TABELA DE CARROS FUNERARIOS

Designação das localidades (Só por 24 horas)	Carro funerario á mão	Berlinda funeraria para tudo	Carro funerario de 2.ª e berlinda	Carro funerario de 1.ª e berlinda
FARO e arredores	3$000 3$500	9$000	10$000	15$000
OLHÃO, ESTOI, SANTA BARBARA, ALMANCIL e PECHÃO	6$000	10$000	15$000	20$000
S. BRAZ, LOULÉ, MONCARAPACHO e FUZETA	8$000	15$000	18$000	22$000
ALBUFEIRA, BOLIQUEIME e TAVIRA			20$000	26$000
PORTIMÃO, VILA REAL DE SANTO ANTONIO, CASTRO-MARIM, LAGOA, SILVES e PÊRA			25$000	30$000
LAGOS e MONCHIQUE			3 $000	33$000

Urnas de mogno para adultos, desde 35$000 a 250$000 réis.

Ditas para menores, desde 7$000 a 54$000 réis.

Caixões para adultos, desde 2$700 réis, e para menores desde 800 réis.

Nos enterros grandes póde haver um excesso em uma urna moldada ou um pedido de mais uma berlinda

PREÇOS FIXOS

ATENÇÃO: É conveniente em qualquer caso que se dê dirigirem-se logo a esta agencia e não a qualquer pessoa que veste os corpos para não encontrarem alterações de preços